

RELAÇÕES PÚBLICAS E CIVISMO

AS BASES DO CIVISMO

Gen MOACIR DE ARAUJO LOPES

Palestra realizada no Centro de Estudos
do Pessoal, do Exército.

28 de outubro de 1969

1. Conjugado Relações Públicas — Civismo

Julgamos haver bastante fundamento na introdução de palestras de Civismo em curso de Relações Públicas. E na aceitação do convite para iniciar essas palestras foi fator importante a experiência que pude realizar nesse conjugado natural: *Relações Públicas — Civismo*.

Por contingências da profissão, de 1956 a 1958, chefiámos a 14.^a Circunscrição de Recrutamento, em Sorocaba. Compreendemos, de início, que o Serviço Militar era a maior expressão física de Civismo e as atividades do Serviço, em proporção muito elevada (90% ?) enquadravam-se em Relações Públicas. Essa compreensão, seguida das ações necessárias, permitiram àquela Organização Militar atingir resultados absolutamente excepcionais. Nela foi elaborado, em 1958, o documento impresso "Planejamento das Relações Públicas da 14.^a Circunscrição de Recrutamento", que constitui o primeiro Planejamento de Relações Públicas, nas Forças Armadas, segundo artigo do Cel Mario Dias, na Revista Militar Brasileira. Não obstante ser todo esse documento uma exteriorização cívica, citaremos dele os seguintes trechos, em que está explícita a palavra Civismo:

"Contudo, são constatadas as seguintes realidades:

.....
existência de adormecimento do civismo em indivíduos e mesmo em grupos sociais significativos";

"Esta propaganda, a ser realizada com bases absolutamente honestas, deverá ter em vista:

.....
incentivar os sentimentos cívicos dos brasileiros e sobretudo daqueles que iniciam a vida civil pela porta clara, ampla e digna da servidão militar (imensa maioria de jovens de 17 a 20 anos de idade); estimular a fé (Grande Público — educação cívica) nos grandiosos destinos da Pátria Bem Amada."

"Como um primeiro estudo, são enumerados a seguir os objetivos das Relações Públicas da 14.ª CR:

i. Estimular o civismo de pais e cidadãos, que deverão iniciar a vida civil pela porta ampla e digna da servidão militar;

Nota — Dar grande importância à ação da mulher como estimuladora de civismo, levando-se em consideração que o jovem provém da proteção do lar, ao tomar contato com o Serviço Militar."

Posteriormente, em 1959, chefiando Seção na Diretoria do Serviço Militar, a experiência da 14.ª Circunscrição de Recrutamento levou-nos a obter a colocação entre as responsabilidades da Diretoria:

"cooperação na preparação moral e cívica dos brasileiros em idade militar..." e "Relações Públicas (inclusive Publicidade) dos diferentes órgãos do Serviço Militar."

Conseqüentemente, é também obtida a criação da 3.ª Divisão do Gabinete da DSM — Relações Públicas (inclusive Publicidade) do Serviço Militar e da 5.ª Seção das Circunscrições de Recrutamento (hoje Circunscrições do Serviço Militar), com o encargo de "Relações Públicas, Publicidade e Inspeções."

É então lançado o "Programa das Relações Públicas (e Publicidade) do Serviço Militar", documento também pioneiro, levando para o ambiente nacional a mesma tônica cívica do Planejamento, anterior, da 14.ª CR. Aconselharia os jovens oficiais ouvintes a lerem esse trabalho; contém, ainda, noções básicas de publicidade.

Mais recentemente, tivemos a honra de presidir a Comissão Intermistrial que elaborou o Anteprojeto do Regulamento da Lei do Serviço Militar, aprovado pelo Decreto n.º 57.654, de 20-1-1966. A Lei do Serviço Militar (n.º 4.375, de 17-8-1966) é, como a anterior, normativa ou pragmatista, não desenvolvendo os valores subjetivos que caracterizam uma Instituição, excetuadas apenas as prescrições sobre o *Dia do Reservista*. O Regulamento deu alma à Lei, abordando o conjugado Civismo — Relações Públicas, com base na moral. Assim diz ele, no seu art. 4.º:

"O Serviço Militar consiste no exercício das atividades específicas desempenhadas nas Forças Armadas — Exército, Marinha e Aeronáutica — e compreenderá, na mobilização, todos os encargos relacionados com a defesa nacional.

§ 1.º Tem por base a cooperação consciente dos brasileiros, sob os aspectos espiritual, moral, físico, intelectual e profissional, na segurança nacional.

§ 2.º Com as suas atividades, coopera na educação moral e cívica dos brasileiros em idade militar e lhes proporciona a instrução adequada para a defesa nacional."

E reserva todo um Título, o XIII, às *Relações Públicas (e Publicidade)* do *Serviço Militar*, todo êle impregnado de base cívica.

A preocupação moral e cívica do Regulamento será bem compreendida ao verificarmos que o seu art. 4.º é transcrição do art. 1.º da lei e que os §§ 1.º e 2.º só dêle constam.

Resultados semelhantes aos obtidos na antiga 14.ª CR, foram e estão sendo verificados no Serviço Militar, no ambiente nacional. Estados em que a fraude na prestação do Serviço campeava assustadoramente, como revelaram os inúmeros processos na Justiça Militar, apresentam hoje situação normal e confortadora. Tenho motivos para afirmar que isto se deve à execução das *Relações Públicas (e Publicidade)* do Serviço Militar, programando o Civismo com base na Moral.

A experiência obtida nas *Relações Públicas* do Serviço Militar levaram-nos em 1961, na chefia da 3.ª Seção do EME, a propor ao Chefe do Estado-Maior fôsse feito expediente ao Ministro para a elaboração da legislação de *Relações Públicas* no Exército. Aprovada a proposta, acompanharam-na, entre outros, como subsídio, os documentos citados, da 14.ª CR e DSM. Aí está a origem do Guia de *Relações Públicas* do Exército, de 1992.

2. Chave para a compreensão dos empreendimentos humanos

Vamos procurar apresentar aos nossos jovens ouvintes uma Chave para as realizações humanas sólidas, cuja aplicação tão bons resultados deu no trato do Serviço Militar e que tem de ser aplicada no Civismo e nas *Relações Públicas*.

Esta chave é contida na palavra Universo, de profundo sentido filosófico.



Ela se apresenta sob vários aspectos, puros ou deduzidos:

Deus e Mundo
Essência e Existência
Espírito e Forma (ou Corpo)
Realidade e Facticidades
Eterno e Efêmero
Valôres e Fatos
Qualidade e Quantidade
Ética e Moral
Princípios e Normas
Etc., etc.

3. Valôres e Fatos

Examinemos apenas o aspecto Valôres e Fatos com que se apresenta a *chave* focalizada.

Einstein, o maior cientista do século XX, desvendador da era atômica à humanidade, no livro *Aus Mainen spaeten Jahren*, diz-nos que a ciência descobre fatos objetivos da natureza (*das was ist*, aquilo que é), mas só a filosofia realiza valôres dentro do homem (*das was sein soll*, aquilo que deve ser) (*). Na aplicação do pensamento do cientista, constatamos a impossibilidade de a inteligência, através da ciência e da tecnologia, montar uma fábrica, por pequena que seja, de amor, de honra, de brio, de lealdade, de coragem, de altruísmo, de renúncia, de patriotismo, de civismo... Isto porque o valor positivo não é *produto da inteligência*, mas *criação do espírito*. Assim como o espírito, o valor é, também, atemporal e aespacial. Os valôres criados pelo espírito de uma Mãe, através de noites indormidas, de sacrifícios sem conta, de renúncias infundáveis, envolvem o filho em qualquer lugar e através do tempo. Até a morte da genitora será incapaz de limitar os valôres criados que, de certo modo, permitiram a vida...

Mas o brilho das realizações da ciência, o tentador confôrto permitido pelo avanço tecnológico e a acariciadora atmosfera do poder e dos ambientes sociais modernos levam o homem a superestimar-se. Advém, em consequência, o esquecimento da *chave*, isto é, de que a luz do espírito, originário de Deus, deve iluminar e dignificar todos os empreendimentos gerados pela inteligência humana. Com efeito, diz ainda Einstein que do mundo dos fatos não há caminho para o mundo dos valôres; ao contrário os valôres produzem fatos.

Desvinculada do espírito, a inteligência desce às forças instintivas, para exacerbá-las, e tende, no dizer do filósofo responsável, a bestializar o homem e fazê-lo deseer a profundidades que as béstas nunca poderão atingir.

(*) Humberto Rohden, *Novos Rumos para a Educação*, Rio de Janeiro, Livraria Freitas Bastos, 1959.

A presente fase histórica, no mundo ocidental e no Brasil, é marcada por profunda involução da Moral, com a exaltação do erotismo, calmamente aceita; pela degradação da Mulher; por demonstrações baixas de caráter — corrupção e subversão; e pela conseqüente decadência das instituições basilares da nacionalidade, entre as quais, sobretudo, a Família e a Escola.

As decorrências da queda da Moral são, de um lado, aceleradas pelo crescimento qualitativo e quantitativo dos meios de comunicação de massa, incidindo sobre o vertiginoso aumento populacional e, de outro lado, ampliadas pela exasperação, sem limites, do desejo do desenvolvimento apenas material.

Os valores tradicionais, religiosos, herdados de milênios de evolução das três raças formadoras da nacionalidade brasileira, são negadas à luz do sol, ante insensibilidade quase geral.

Os empreendimentos humanos limitados ao plano dos Versos sem a iluminação do Uno, apresentam na fase histórica venenosos e maléficos frutos. Sirva essa constatação de exemplo para o exame dos problemas específicos que nos congregam nesta palestra.

4. Aplicação da Chave em Relações Públicas

No campo das Relações Públicas, considerando um dos seus melhores conceitos "noventa por cento do que se chama Relações Públicas consistem em fazer bem o que deve ser feito e dez por cento em divulgar bem o que se faz" ou "Relações Públicas é a comunicação serena de comportamento meritório", teremos:



As Relações Públicas, englobando diferentes públicos, dentro da Nação, não poderão jamais alhear-se do Civismo, objetivado por atividades em benefício da grande coletividade Pátria, o Brasil.

5. Aplicação da Chave no Civismo. O seu verdadeiro conceito

Representando o Estado-Maior das Forças Armadas em Comissão destinada a lançar as bases do concurso para a escolha de um Guia de Ci-

vismo, no Ministério da Educação e Cultura, levamos quase um ano incentivando a realização, no Auditório daquele Ministério, de uma série de palestras, para obter um entendimento de Civismo capaz de evitar a ineficácia das realizações nesse campo, nos últimos tempos. E chegamos ao seguinte conceito, aprovado pelo Ministro da Educação e publicado no "DO" da União de 8-4-1968:

CONCEITO DE CIVISMO

CIVISMO

é:

1.º Caráter

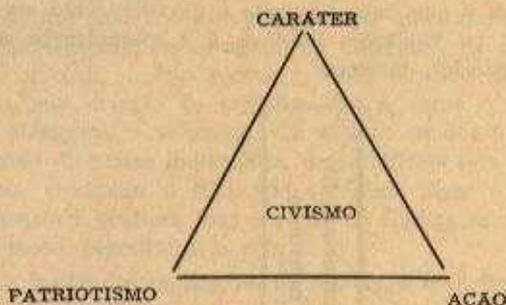
— com base na moral, originária da ética, tendo como fonte Deus (Constituição do Brasil, Preâmbulo).

2.º Amor à Pátria

— e às suas tradições, com capacidade de renúncia.

3.º Ação

— intensa e permanente, em benefício do Brasil.



Esse conceito está integralmente contido no recente Decreto-lei número 869, de 12 de setembro de 1969, cujas bases filosóficas, expostas no art. 2.º, assim expressam:

"A Educação Moral e Cívica, apoiando-se nas tradições nacionais, tem como finalidade:

a) a defesa do princípio democrático, através da preservação do espírito religioso, da dignidade da pessoa humana e do amor à liberdade com responsabilidade, sob a inspiração de Deus;

b) a preservação, o fortalecimento e a projeção dos valores espirituais e éticos da nacionalidade;

.....
 d) o culto à Pátria, aos seus símbolos, tradições, instituições e aos grandes vultos de sua história;

e) o aprimoramento do caráter, com apoio na moral, na dedicação à família e à comunidade;

.....

g) o preparo do cidadão para o exercício das atividades cívicas, com fundamento na moral, no patriotismo e na ação construtiva, visando ao bem comum;

.....

Muitos líderes responsáveis gastam, inadvertidamente, energia, tempo e recursos, desenvolvendo atividades cívicas, sem vinculação pelo menos explícita com a *Moral*. Parecem esquecer-se de que os *direitos* e *deveres cívicos* integram os grupos maiores dos *direitos* e *deveres morais*. Para sentirmos o quanto é vazio esse procedimento e quanto representa êle de tempo perdido, citaremos caso recente. Uma entidade altamente credenciada, em cidade do Sul do País, reúne recursos de empresas industriais — proeza tão difícil, quando os objetivos são meramente educativos — solicita permissão a grande firma estrangeira para a utilização de uma figura simbólica, obtém-na, e lança uma Cartilha de Civismo, feita em bases modernas, de quadrinhos policrômicos. A figura é usada como "Professor de Civismo", mas é apresentada com o caráter de um marginal. Inicia-se a história pela sua prisão, após servir-se de um restaurante, sem pagar; continua com o "Professor" revelando-se malandro no cumprimento do dever militar; e prossegue com êle declarando-se alérgico ao trabalho e, por temperamento, "filósofo"! E, nos intervalos dos fatos reveladores da fraqueza da formação moral, o "Professor de Civismo" discorre sobre os Símbolos Nacionais, o Serviço Militar, etc. Inconscientemente, acredito dignos patriotas apresentam à criança brasileira ensinamentos cívicos, tentando motivá-la pela palavra de um risinho vigarista! Que poderá ser obtido disso?

6. Observação da aplicação da chave em movimento cívico de aspecto universal

A importância do caráter bem formado, à luz da moral, originada na ética, tendo por fonte Deus, como *potência* geradora dos atos cívicos é evidenciada em um grande empreendimento cívico que é o *Escotismo*. Ele é estruturado em bases filosóficas deístas e aconfessionais, em tudo idênticas às da Constituição do Brasil. A intuição do seu idealizador, Banden Powell revela-se nas iluminadas expressões:

"Vamos, portanto, no treinamento de nossos Escoteiros, guardar os altos objetivos em vista, não nos deixando absorver demasiado pelos detalhes.

Não deixemos a técnica sobrepor-se à moral. Eficiência no campo, vida mateira, acampamento, excursionismo, Boas Ações, confraternização, *Jamborees*, tudo isto são meios, não o objetivo.

O objetivo é *Caráter* — caráter com um propósito.

E este propósito é que a futura geração seja sadia em um mundo insano, e desenvolva ao mais alto grau a capacidade de Servir, realizando o serviço ativo de Amor e Dever para com Deus e o próximo."

A importância da base filosófica deísta do Escotismo, sem a qual é pouco representaria, é posta em evidência pela iniciativa de parte de elementos materialistas, socialistas radicais ou quem sabe? — marxistas, de destruí-la, de dentro para fora, em outra grande instituição semelhante à escoteira.

7. Mensagem final

Em fase tão grave da conjuntura nacional, em que não se orienta a Juventude, e sobretudo a Mulher, para cultivar a vertical dos valores fortes, espirituais e morais, de modo a que esses iluminem os fatos da existência humana, não desejaríamos terminar esta palestra sem vos dirigir uma última mensagem:

Impregnem de Cívismo as Relações Públicas, ambos considerados à luz da chave apresentada.

Lembrem-se das palavras do Comandante Frederico Villar:

"Apaixona-te pela tua Pátria;
Trabalha, confia e prospera."

Pátria que é Lar, que é Terra, que é Mãe; que representa um dos mais significativos talentos, emprestados ao homem para a jornada terrena, materializando, em parte, julgo, o aspecto de Divina Mãe, de Deus, revelado pela clarividência do hinduísmo:

"Eu sou o Pai do Universo e igualmente a Mãe..." (Bhagavad Gîtá, IX-17).

Pátria Brasileira, congregadora das nossas famílias; *Pátria pacífica*; *Pátria de liberdade*; *Pátria democrática*; *Pátria formada à sombra da Cruz* e, por isso, de dignificadoras tradições cristãs.